

Identities in transformation: from Italy and to Italy, perceptions of a belonging^{*}

Identities in transformation: From Italy to Italy, perceptions of a belonging

Luís Fernando Beneduzi

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-2885-5548>

Università Ca' Foscari Venezia

Os processos de construção e reelaboração de identidades se associam às experiências do presente e às expectativas de futuro. No caso dos imigrantes italianos no Brasil, observam-se diferentes dinâmicas de construção de identidade, presentes nos álbuns comemorativos, nas celebrações étnicas de finais do século XX ou nos relatos dos descendentes que emigram para a Itália. Quer-se analisar as dinâmicas de produção de representações de uma identidade étnico-nacional e os mecanismos que operaram na construção de uma pertença que se reelabora no tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades étnicas; Imigração Italiana; Ítalo-Brasileiros; Construção de Memória.

Los procesos de construcción y de re-elaboración de identidades se relacionan con las experiencias del presente y las expectativas de futuro. En el caso de los inmigrantes italianos en Brasil, se observan diferentes dinámicas de construcción de identidad, que se encuentran en los álbumes conmemorativos, en las celebraciones étnicas de final del siglo XX, o en los relatos de los descendientes que emigran hacia Italia. Se pretende analizar las dinámicas de producción de representaciones de una identidad étnico-nacional y los mecanismos que actúan en la construcción de una pertenencia través del tiempo.

PALABRAS CLAVE: Identidades étnicas; Inmigración Italiana; Ítalo-Brasileños; Construcción de Memoria.

Copyright: © 2019 CSIC. Este es un artículo de acceso abierto distribuido bajo los términos de la licencia de uso y distribución *Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC BY 4.0)*.

* As fontes orais utilizadas neste artigo foram coletadas no projeto de pesquisa «Retorno às raízes: gênero, identidade e integração na imigração brasileira contemporânea na Itália», Luís Fernando Beneduzi (Università Ca' Foscari Venezia), Gláucia de Oliveira Assis (Universidade do Estado de Santa Catarina), Catarina Maria Chitolina Zanini (Universidade Federal de Santa Maria). Projeto financiado pelo Edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA n.º 20/2010 - Relações de Gênero, Mulheres e Feminismo. (Processo N. 406116/2012-1).

O jogo de palavras apresentado no título do artigo está relacionado especificamente a uma dupla fluidez do processo migratório: o deslocamento físico e aquele mnemônico. Com respeito ao primeiro, observa-se um movimento de partida desde o Reino da Itália, a partir do último quartel do século XIX, em direção ao Império Brasileiro, e outro que provém do Brasil, entre finais do século XX e princípios do século XXI, e se direciona à Itália. No que tange ao deslocamento mnemônico, destaca-se as imagens da Itália trazidas pelos imigrantes que chegaram ao Brasil, em finais do século XIX, as quais foram reelaboradas em mais de cento e quarenta anos de imigração e se transformaram nas representações que os descendentes daqueles italianos carregaram em suas bagagens, quando iniciaram sua viagem para a Península Itálica.

Considerando com Sayad que cada imigrante é um emigrante, ou seja, que o deslocamento é marcado pelo transporte de códigos culturais que desembarcam com as pessoas na nova terra,¹ criando especificidades étnico-culturais no lugar de chegada, uma Itália —aquela deixada no outro lado do oceano, mas imaginada e recriada no processo migratório— chega ao Brasil com a comunidade de peninsulares.² Essa Itália, na realidade nunca abandonada, será um dos vínculos importantes no impulso em direção a uma nova migração, dos ítalo-brasileiros, agora fazendo o caminho inverso daquele realizado por seus antepassados.

Neste processo de manutenção e reelaboração da memória, no qual fragmentos do passado passam a ser retrabalhados com novas tramas e novas leituras, vai-se criando uma narrativa sobre a experiência migratória que pouco a pouco se consolida como uma vivência individual-coletiva caracterizadora do passado comunitário. Para Maurice Halbwachs,³ a memória é identificada com este entrecruzamento de processos, com uma interação constante das experiências individuais e das narrativas comunitárias que vão pintando a tela da recordação, garantindo aqueles vestígios do passado que encontrarão maior brilho. Por outro lado, observa-se também, ao interno do mesmo processo, o efeito oposto, ou seja, produz-se, em contemporânea, a opacidade, a partir dos fragmentos que não continuam vívidos nas narrativas presentes nos quadros sociais da memória.

Se a esfera coletiva é fundamental para compreender o ato de rememoração, é necessário clarificar que os diferentes presentes das comunidades

1 Sayad, 2002.

2 Beneduzi, 2011a.

3 Halbwachs, 1994.

irão marcar novas recordações, novos processos narrativos, a partir de fragmentos iguais ou diferentes da passeidade, balizando a memória dos indivíduos. Sendo o passado uma concentração de contrastes, o viver contemporâneo se constitui na lâmpada que vai iluminar o vivido, destacando determinados acontecimentos e sensações.⁴ No caso dos processos migratórios, nos quais a ascensão social é um dos elementos centrais no projeto de deslocamento, o olhar que, desde o presente, procura reler o passado, é atravessado pelas expectativas em relação ao futuro.⁵ As possibilidades de concretização do projeto pessoal (ou a sua impossibilidade) determinarão o olhar do migrante não somente com relação às decisões do presente (inclusive de redefinição dos próprios planos), mas também de releitura da partida e do trânsito, assim como do modo em que foi acontecendo o contato com a terra de chegada.

Tendo presente as questões teóricas explicitadas até aqui, o objetivo do presente artigo é percorrer as dinâmicas de construção do grupo étnico⁶ italiano em regiões específicas do Brasil (estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo), caracterizadas pela pequena propriedade rural e por um primeiro momento de isolamento, quando da chegada dos imigrantes. Neste percurso, analisa-se como as identidades étnicas foram construídas desde as primeiras levas de italianos, em finais do século XIX, e que imagens sobre a Itália se consolidaram e marcaram a relação de encontro entre os ítalo-brasileiros, no século XXI, e o território da Península.

Na verdade, esta marca da memória produz um conceito importante com relação ao processo migratório contemporâneo dos ítalo-brasileiros, vinculado à percepção de uma experiência individual-coletiva do fenómeno migratório e, também, à construção de uma ligação mnemônica com a terra dos antepassados, fazendo-a sua. O termo em questão, muito utilizado no caso da migração de ítalo-brasileiros para a Itália, é aquele do «retorno».

Em um primeiro momento, considerar uma perspectiva de retorno para sujeitos que —em grande parte dos casos— nunca saíram do Brasil, ou das regiões nas quais nasceram, parece impossível. No entanto, partindo das dinâmicas que se relacionam aos processos mnemônicos, podem ser

4 Catroga, 2001.

5 Koselleck, 1993.

6 Sobre os processos de construção de grupos étnicos, remete-se à Poutignat e Streiff-Fenart, 1998.

observados três tipos de retorno possíveis, que não envolvem uma experiência física de partir de um determinado ponto e voltar para ele, mas que criam um efeito/ideia de movimento.

No âmbito da memória, um dos retornos possíveis associa-se à recriação da terra de partida no espaço de chegada, fenômeno muito comum no processo imigratório italiano para zonas rurais (especialmente de floresta virgem), em finais do século XIX. Ao recriar o ambiente da terra de partida, assim como relata Marcel Proust na experiência da Madeleine, em sua obra «Em busca do tempo perdido», o imigrante sente-se transportado à terra de nascimento.⁷ Também Primo Levi, em «I racconti», indica esta possibilidade de fazer reviver o passado, neste caso através dos odores, guardados em frascos e utilizados para retornar às vivências passadas.⁸ Portanto, estes suscitadores de memória (voluntária ou involuntária), que podem ser as igrejas, a arquitetura das casas, flocos de neve, cantos, relações de sociabilidade ou alimentos permitem ao imigrante um retorno mnemônico a uma vida e lugar que pensavam perdidos no tempo, mas que podem ser recuperados, porque são liberados pelas sensações provocadas através destes elementos desencadeadores da recordação.⁹

O retorno também pode se configurar enquanto projeto —não realizado ou realizável— mas real porque elemento que permite a sobrevivência na terra de chegada, porque se vive na projeção de um regresso ao lugar de nascimento. Neste sentido, Johannes Hofer, em sua dissertação apresentada junto à Universidade de Basileia, em 1688, ao falar da dor do não-retorno (a nostalgia), analisando as perturbações sofridas pelos soldados suíços que lutavam distantes dos seus cantões, indicava como remédio, inclusive, a promessa do retorno.¹⁰ Ainda, para Eric Leed, a experiência migratória era composta por três momentos —partida, trânsito e chegada— que, para além do plano físico, apresentavam uma perspectiva subjetiva, segundo a qual cada um desses três movimentos trazia consigo uma tomada de consciência. Portanto, o ato de chegar não significava apenas desembarcar, mas entrar no novo mundo com a aceitação de que a viagem havia terminado e que começava uma nova vida separada daquela anterior.¹¹ A rigor, muitos imigrantes nunca desembarcaram de suas naves imaginárias e viveram a

7 Proust, 2002.

8 Levi, 1996.

9 Beneduzi, 2011a.

10 Cit. in Prete, 1996.

11 Leed, 1992.

experiência de expatriação como em um entre-lugar, uma fase transitória que terminaria com a volta ao *heimat*.¹²

Por fim, a terceira tipologia de retorno, que está diretamente ligada à discussão deste artigo, refere-se à uma memória delegada-mítica que marca a relação intergeracional dos descendentes de imigrantes italianos nas cidades das zonas de colonização, de finais do século XIX. Nas narrativas de tantos descendentes que, no ato de relatar a experiência familiar, colocam-se junto aos antepassados migrantes, observa-se o uso do pronome «nós» no lugar de «eles»: «quando nós chegamos ao Brasil» ou «quando nós deixamos a Itália». Dessa maneira, assim como a partida constrói-se como experiência coletiva, também o retorno acontecerá do mesmo modo, com o descendente que consigo faz retornar à Península o conjunto dos expatriados familiares. Por outro lado, pode-se perceber também, nesta ideia de regresso, aquilo que Abdelmalek Sayad chama de «dor compartilhada»,¹³ considerando que nem o discurso triunfante da experiência imigratória italiana no Brasil esconde as motivações que impulsionam os descendentes a viver a mesma viagem (agora na direção oposta) sinalizada por perdas e abandono. A diferença talvez possa residir no fato que enquanto o imigrante do século XIX buscava a *terra della cuccagna*, o descendente segue o rastro mnemônico do antepassado a procura daquela Itália imaginada das narrativas familiares e da epopeia comunitária, um mundo desolado no passado da emigração, que se transforma em promessa na memória construída em terra de imigração.

Cabe mencionar que o presente artigo é parte de um projeto internacional financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq-Brasil), que envolveu pesquisadores italianos e brasileiros na análise das experiências de inclusão e dos projetos de vida de ítalo-descendentes na Itália do século XXI. A partir das estratégias da história oral, trabalhou-se com entrevistas semiestruturadas, que tiveram como objetivo criar uma relação de empatia entre pesquisador e narrador, conduzindo a uma abertura em direção ao relato das subjetividades do segundo. Foram realizadas mais de 50 entrevistas no norte da Itália (especialmente nas regiões do Vêneto e do Friuli, e na província de Trento), das quais foram selecionadas as duas que se constituem material fundamental desta análise. A escolha deu-se fundamentalmente a causa da força narrativa e da representatividade no âmbito da pesquisa.

¹² Termo alemão impregnado de sensibilidade e de difícil tradução que normalmente é associado a «casa», «pequena pátria», «lugar de nascimento».

¹³ Sayad, 2000, 14.

Entre passado e presente: do imigrante italiano ao ítalo-brasileiro

A primeira observação que precisa ser feita, considerando as dinâmicas de elaboração de uma memória pacificadora do fenômeno migratório italiano nas regiões coloniais do Brasil, está relacionada com as diferenças dos processos históricos de imigração, daquela direcionada às plantações de café no estado de São Paulo e, também, para a cidade de São Paulo, e aquela que se dirigiu para zonas de floresta dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo. Enquanto no primeiro caso os imigrantes foram ocupar o lugar dos escravos (a partir de 1888 livres, através da Lei Áurea) nas fazendas, entrando diretamente em contato com a população local, mas também com imigrantes de outras proveniências nacionais, em lugares como a cidade de São Paulo, no segundo, que seguia o objetivo imperial de ocupação de espaços «vazios» (muitas vezes território indígena), os recém-chegados foram enviados para locais isolados que, pelo menos até o século XX, não tinham vias de comunicação com outras localidades formadas por de etnias diversas. No segundo caso, houve um processo mais forte de reelaboração linguístico-cultural dos indivíduos proveniente de diferentes regiões da Itália, ao interno da própria comunidade linguística: criou-se uma *prima* comunicação e *koinè* entre grupos que, mesmo originários da Península Itálica, apresentavam dialetos e códigos culturais não sempre semelhantes.

A partir da estrutura das pequenas propriedades rurais, incentivadas sobretudo a partir das décadas de 1920 e 1930, foram sendo criados pequenos vilarejos que, já na virada do século, transformavam-se em municípios, identificando-se, na maioria das vezes, com nomes relacionados à terra de partida: Nova Trento, Nova Veneza, Nova Vicenza. Neste contexto, pouco a pouco, foi nascendo uma memória epopeica sobre a imigração italiana: do desbravamento da floresta virgem à vitória sobre o selvagem, os sofrimentos e as angústias dos primeiros colonos aumentavam o valor do sacrifício que produziu civilização e riqueza.

Nas comemorações dos cinquenta anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, em 1925, começa a ser produzida aquela que se transformará na memória compartilhada da imigração italiana, com ênfase no colono laborioso que produziu a riqueza dos lugares nos quais se fixou, através da cultura do trabalho, do sacrifício e da poupança. No álbum comemorativo de mais de quinhentas páginas que foi produzido para o evento festivo, observa-se uma linha narrativa que busca relatar a grandiosidade da obra

realizada pelas populações peninsulares no contexto do Rio Grande do Sul. Uma parte significativa do texto é utilizada para a apresentação da prosperidade industrial, comercial e agrícola que foi construída em poucos anos de ocupação da nova terra. O livro, escrito em língua italiana, é, acima de tudo, uma narrativa que procura mostrar a importância do elemento itálico no processo de modernização do sul do Brasil, seja na esfera econômica seja naquela humana,¹⁴ na criação de uma nova civilização.¹⁵

Nas primeiras páginas do álbum, as saudações do então primeiro ministro italiano —Benito Mussolini— e do presidente do estado do Rio Grande do Sul —Antônio Augusto Borges de Medeiros—, são indicativas da relevância que as comunidades de imigrantes ocupavam na política fascista e, também, como este grupo étnico tinha conquistado importância nas estratégias borgistas de enfraquecimento do poder dos latifundiários tradicionais do estado.

Com relação à Itália fascista, a memória da imigração triunfante representada no álbum comemorativo vinha ao encontro de uma política de Estado para a transformação da imagem da Itália, e de sua população, fora das fronteiras nacionais, que se funde com a criação do conceito de «italiano no exterior», em 1926,¹⁶ clara ação mussoliniana para elevar a condição moral dos expatriados, agora cidadãos. Ainda, para o grupo dirigente italiano, a prosperidade das comunidades italianas no exterior significava a força da raça itálica (e do partido fascista que se fundia imageticamente com a nação) e, ao mesmo tempo, um braço de apoio à política nacionalista do *Duce*.

Era necessária uma nova imagem da nação italiana no equilíbrio de poder europeu, inclusive para dar força à política de Mussolini seja em âmbito interno que externo. Para tal fim, tanto a ação expansionista na África quanto o uso comercial e simbólico da «nação expatriada» transformavam-se em instrumentos importantes para a construção de uma nova Itália: redução das tensões internas na esfera produtiva e social, e reforço na sua posição internacional.¹⁷ Portanto, a ação civilizadora e operosa da comunidade italiana, a vitória sobre as adversidades, são emblemas de uma superioridade

14 É importante mencionar que, a partir da segunda metade do século XIX, obtiveram grande sucesso no Brasil as teorias científicas que indicavam hierarquias de raça e sangue entre os grupos humanos. No caso do Império Brasileiro, foi realizado um grande investimento para transformar a «raça» nacional, em um processo de branqueamento, com o uso de populações proveniente da Europa. Nesse sentido, os italianos combinavam a cor da pele com uma mesma religião e uma língua neolatina.

15 Beneduzi, 2011a.

16 Trento, 2005.

17 Beneduzi, 2011b.

que os fascistas querem transformar em um benefício político para eles: se a Itália estaria presente em qualquer lugar onde estivesse um italiano, as conquistas das coletividades no exterior seriam também aquelas de toda a nação. Na verdade, observa-se uma via de mão dupla, ou seja, por um lado, a imagem da imigração vitoriosa reforça a imagem da Itália no exterior, por outro, também, uma Itália potente engrandece as comunidades italianas no estrangeiro, porque se tornam filhos daquela grande pátria.

No que se refere ao interesse do governo do estado do Rio Grande do Sul, ao Partido Republicano local (PRR), que era a principal força política desde o fim do Império, em 1889, associavam-se também os interesses da elite étnica, de enaltecimento do produto da imigração. No projeto político borgista, o imigrante italiano é transformado em um modelo de cidadão, ordeiro e trabalhador. Seu interesse é criar novos equilíbrios políticos no estado, reforçando o espaço da população da Encosta Superior do Nordeste, assim como também aquele da zona vizinha, de imigração alemã, reduzindo o poder da metade sul do estado, caracterizada pela criação tradicional de gado e produção de charque.¹⁸ Este novo equilíbrio era também consequência de um contexto econômico diferente, no qual a pequena propriedade e a produção para o mercado interno adquiriam, junto à indústria de transformação, uma nova relevância.

Se as comemorações dos cinquenta anos da imigração italiana são o espaço por excelência na construção de uma memória coletiva que será reproduzida em eventos e publicações sucessivas, resta a questão de entender quais são, em modo mais detalhado, os elementos desta representação de si. Ou seja, quais imagens do grupo étnico vão se transformando em componentes de sua identidade e, também, com relação aos outros grupos étnicos presentes no estado e no país, de sua alteridade.

Neste sentido, poder-se-ia indicar uma tríade que estará presente no porvir das comemorações étnicas e que atravessa o álbum comemorativo, marcando presença —sem exceção— em todas as diferentes partes da obra e em cada um de seus capítulos: o imigrante é bom colono, perfeito católico e moralmente saudável. Na verdade, como nas saudações presentes nas primeiras páginas do livro, as populações provenientes da península itálica são aquilo que de melhor um Estado pode desejar receber para o seu desenvolvimento econômico, social e moral.¹⁹

18 Beneduzi, 2015.

19 *Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud*, 1925.

Com relação à primeira característica —o bom colono— a figura do imigrante italiano como laborioso, como trabalhador incansável, que com o suor de seu rosto desbravou a floresta e transformou a mata virgem em espaço produtivo, é recorrente no discurso das comemorações de 1925. Como narrativa epopeica, a excelência do trabalho é engrandecida por uma característica inata do imigrante, um dom que se transforma em atributo étnico, porque o mesmo —segundo a narrativa— não possuía conhecimentos pregressos para lidar com a realidade que encontrou; mesmo assim, o espírito de operosidade fez com que ele vencesse todas as dificuldades que se apresentaram:

Os imigrantes italianos desconheciam completamente a vida nos bosques, com força de vontade, com sacrifício e com trabalho venceram todas as dificuldades e transformaram estes bosques em centros agrícolas abundantemente produtivos.²⁰

Esta dedicação e laboriosidade era fruto de outra característica destacada no discurso de 1925, a sanidade moral do colono italiano, que estava transformando não somente a fisionomia das populações onde acabava se inserindo, mas, também, os hábitos e os costumes. Nas comemorações são enfatizadas questões que se referem à alta taxa de fecundidade e natalidade dos imigrantes originários da península itálica, ao baixo índice de criminalidade ou ao percentual menor de doenças e mortalidade, indicando quão robusta era esta população. Ainda, diferentemente de outros grupos étnicos, a política e a intelectualidade locais enalteciam o aumento progressivo de matrimônios interétnicos, que demonstravam a potencialidade dos italianos em efetivamente melhorar a qualidade da população mestiça nacional. Tudo isso é fundado em sua boa índole, em seus bons costumes e em um espírito de respeito às instituições, às leis, ao patrimônio:

Dessa forma, esses se constituem, como mais acima dizíamos, o mais expressivo atestado da excelente índole, da alta moralidade dos costumes e do espírito ordeiro da população de origem italiana.²¹

Também a segunda imagem do imigrante se relaciona fortemente com a terceira, aquela de católico fervoroso, o bom cristão, seguidor intransigente dos mandamentos da religião, ditados pela Igreja e pelo seu representante, o sacerdote. O controle religioso transformava-se no componente

20 *Ibidem*, 332.

21 *Ibidem*, 250.

catalizador e irradiador das demais qualidades do imigrante, porque a fé em Deus e a sua prática —dirigida pela Igreja Católica— garantiam a manutenção das qualidades intrínsecas do imigrante italiano. Ao mesmo tempo, a confiança em Deus, materializada na oração, na relevância que confere à igreja (entendida como local de culto) no cotidiano do imigrante, preservavam a união familiar, a esperança no fruto do trabalho e a disciplina ao interno das relações com a comunidade e com os poderes instituídos:

Morto de cansaço por causa do trabalho quotidiano, reunia a família, à noite, entorno à parca mesa, rezava suas breves orações e em seguida se recolhia, e adormecia com a consciência tranquila, confiante na Divina Providência.²²

Com relação à memória vitoriosa, a narrativa de viajantes italianos que passaram pelo Brasil, desde os primeiros anos do início do processo de ocupação do território, transformaram-se tanto em «fonte» para a construção do discurso comemorativo quanto em divulgadores e colaboradores na sua criação. Por exemplo, Vittorio Buccelli, deputado italiano eleito em 1904 e ex-prefeito de Nizza Monferrato, a partir de sua viagem pelo Brasil, escreve um livro que será lançado na Exposição Internacional de Milão, em 1906, no qual destaca a grandiosidade dos espaços de colonização italiana no sul do Brasil. Também em sua obra, Buccelli irá destacar o progresso econômico, especialmente industrial, resultado do árduo trabalho do imigrante italiano, assim como a força física e moral que o componente italiano estava trazendo para a realidade brasileira:

Apresentamos diversas fotografias de escolas masculinas e femininas que existem no município [Caxias do Sul] para que os leitores possam perceber como está nascendo uma nova geração de rio-grandenses, fruto de um saudável cruzamento, e que promete uma população de fortes no futuro.²³

Mesmo tendo vivido um período de turbamento, em um momento de transformação na política de Estado, durante o governo Vargas,²⁴ especial-

22 *Ibidem*, 59.

23 Buccelli, 1906, 240.

24 Recordar-se que, no período do Estado Novo, entre 1937 e 1945, foi colocado em prática um importante projeto de nacionalização cultural e linguística, proibindo qualquer tipo de comunicação em uma língua diferente do português. Como consequência, a cultura imigrante que tinha sido enaltecida pelas políticas governativas até então, acaba se transformando em um antagonista do programa de integração nacional. Especialmente os italianos, alemães e japoneses serão perseguidos pelo poder público, também por causa da Segunda Guerra Mundial, da qual o Brasil participou do lado dos aliados e contra as potências do Eixo.

mente entre 1938 e 1945, no qual o pertencimento ao grupo étnico italiano não era enaltecido mas devia ser evitado, as comemorações do centenário da chegada das primeiras famílias provenientes da península itálica, em 1975, quando da ditadura civil-militar, recolocaram os holofotes sob as qualidades do grupo étnico italiano na composição da população nacional. Aqui também pode ser observada a tríade constitutiva da identidade italiana nas zonas de colonização, como naquelas do Rio Grande do Sul. Na verdade, o termo de referência constitui-se em «pioneiros» (*i pionieri*), que se constitui um dos pilares do relato da obra, quando se fala do processo de ocupação da terra, no Brasil, por parte dos primeiros imigrantes proveniente da península itálica.²⁵ A ideia de pioneiros, muito presente também na expansão das treze colônias dos Estados Unidos em direção ao Oeste, traz consigo as dimensões do desbravador, do destemido, do indivíduo laborioso: daquele que transformou os espaços selvagens em terra cultivada, em progresso, em civilização, e foi vitorioso. Partindo da narrativa epopeica dos cinquenta anos da imigração, o álbum do centenário vai reforçar a grandiosidade do fenômeno migratório, considerando o uso do conceito de pioneiro.

A memória construída sobre a imigração italiana não permanece perdida nos aniversários do ato fundador do fenômeno migratório, mas é renovada inclusive no tempo presente, através de diferentes eventos que mobilizam o grupo étnico e reforçam estas imagens representativas de sua positividade. Nos últimos anos, desde a década de 1990, entre as comemorações familiares e aquelas de municípios constituídos por oriundos da península itálica, assim como através de projetos de museus e itinerários de turismo cultural, essas imagens elaboradas desde os primeiros anos do século XX, nos relatos de viajantes, e consolidadas nos cinquenta anos da imigração, são atualizadas em um presente do grupo étnico que necessita de raízes diferenciadoras.

No que tange às festas étnicas, é muito forte o sentido da abundância e da imigração vitoriosa representada através de uma mesa farta, de cantos alegres, e da gastronomia que se pensa representativa do pertencimento étnico-cultural. No caso, por exemplo, da «31ª Noite Italiana» (2011), realizada anualmente no município de Antonio Prado, a italianidade é associada à copiosidade de alimentos e divertimentos, que comemoram o resultado do sacrifício dos pais fundadores desta Itália de além-mar, criando uma

25 *Centenário da Imigração Italiana*, 1975.

tradição que se quer italiana, mas que é fruto de um processo de hibridação com a cultura da terra de chegada. Por isso que, junto à polenta *brustolada* e aos *grostoli*,²⁶ pode-se encontrar a batata doce ou as cucas, consequência alimentar dos encontros culturais da nova realidade brasileira. Como apresentado no site oficial do evento, o objetivo da festa «é sem dúvida reproduzir da forma mais fiel possível os costumes dos imigrantes italianos que chegaram a região á mais de 140 anos».²⁷

No estado do Espírito Santo, especificamente no município de Venda Nova do Imigrante, a «Festa da Polenta», nascida em 1979, transformou-se, a partir dos anos 1990, em um evento de grande importância no calendário estadual, adquirindo muita visibilidade. Também neste caso, como indicado na descrição dos cenários que compõem a festa, tem-se por objetivo recriar o passado ou, como definido na apresentação da vila cenográfica, levar «o público da Festa da Polenta para uma viagem no tempo».²⁸ Ainda, no «Paiol do Nonno», é oferecida esta conexão com a representação do colono operoso, que produziu aquela riqueza comemorada na festa, porque são apresentados os utensílios que fazem parte da vida rural e do trabalho na roça: «O Paiol do Nonno recria o passado ao reproduzir no ambiente da Festa da Polenta um pouco do dia a dia da vida rural, em especial a rotina dos homens trabalhando na roça e no entorno da casa da família».²⁹ Por fim, no momento mais esperado da festa, e símbolo maior da pertença étnica da região, acontece o derramamento da polenta (tombo da polenta): a partir de um tacho enorme, a polenta da festa é virada e distribuída a todos os participantes.

Nestes percursos contemporâneos de recuperação/reconstrução da identidade étnica, para além das festas, que trazem consigo objetivos culturais, mas também econômicos —a italianidade transformou-se em um produto de alto valor comercial—, observa-se o nascimento, sempre nos anos 1990, de itinerários que prometem uma viagem ao passado, como aquele oferecido pelo projeto «Caminhos de Pedra», no município de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul. Neste caso, uma estrada composta, atualmente, por aproximadamente 52 «pontos de observação» (com algumas

26 É uma massa fina, frita e coberta de açúcar, muito comum nas zonas de imigração italiana no Brasil e típica do carnaval italiano.

27 Citação retirada do site da festa, <http://noiteitaliana.com.br/historia.php> [Acessado: 10/06/2018].

28 Citação retirada do site da festa, <http://www.festadapolenta.com.br/estrutura> [Acessado: 10/06/2018].

29 *Idem*.

casas provenientes de outras cidades e localidades) garante ao visitante um mergulho no cotidiano do imigrante italiano de finais do século XIX.

Este projeto foi fruto de um empreendimento idealizado por dois descendentes de imigrantes italianos —o engenheiro Tarcísio Michelon e o arquiteto Júlio Posenato— que tiveram como evento propulsor um levantamento realizado no ano de 1987, onde se buscou conhecer o acervo arquitetônico presente na zona rural do município de Bento Gonçalves. O direcionamento para o mundo rural, considerando que a zona urbana foi marcada pelo crescimento da cidade e pelo desenvolvimento socioeconômico que transformou sua fisionomia, tornou-se necessário, pois o objetivo central do projeto era «resgatar a cultura que os imigrantes trouxeram a serra gaúcha desde 1875».³⁰

Dos eventos comemorativos, das festas étnicas e dos itinerários culturais, esta memória coletiva chega também na esfera privada, nas dinâmicas familiares, transportando esta lembrança do grupo ao ato mnemônico individual: neste caso, festeja-se o antepassado que se sacrificou para dar vida nova aos seus descendentes. Como no caso da família Menegat, que indica como parte da programação do quinto encontro, ocorrido no município de Nova Pádua, nos dias 24 e 25 de outubro de 2015, recordar a trajetória dos imigrantes Francesco Menegat (esposa Giovanna Rento), Pietro Menegat (esposa Maria Piazza) e Giovanni Menegat (esposa Domenica Sonda), desde a saída deles, há 129 anos, da província de Beluno.³¹ A recuperação do local da partida, que muitas vezes chega até a indicação específica da cidade ou da localidade de proveniência, é um elemento muito forte nas festas comemorativas dos ancestrais imigrantes, pois conecta o presente diretamente com a experiência passada, que se transforma em uma continuidade familiar. As festas funcionam como um encontro íntimo, mas também como elemento que fortalece o pertencimento étnico, reaviva a memória individual, cria uma ideia de italianidade. Acompanhando os sites de divulgação, percebe-se que são inúmeros os eventos deste tipo, presentes praticamente em todos os finais de semana e movimentando pessoas de diferentes partes do Brasil.

Como se tentou demonstrar, a partir da ação das elites coloniais, da política fascista e da ação dos governos locais, nas comemorações de 1925,

³⁰ Citação retirada do site do projeto, <http://www.caminhosdepiedra.org.br/?pg=historico> [Acessado: 05/02/2011].

³¹ Citação retirada do site clicRBS, <http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2015/10/20/encontro-da-familia-menegat-movimenta-nova-padua/?topo=87,1,1,,87> [Acessado: 05/02/2011].

foi consolidada certa memória sobre a imigração italiana e um «kit» identitário de pertencimento ao grupo. Estas representações foram atualizadas ao longo do século XX, especialmente no chamado *revival* étnico que caracterizou os anos 1990, passando a fazer parte, com os encontros de família, da esfera privada e da memória individual. Em inúmeros casos, a própria festa funciona como um suscitador de memória, criando a conexão entre o tempo presente e o vivido do período da imigração, entre os sujeitos que são expostos a esta memória e a experiência de expatriação dos antepassados. A apropriação da memória do grupo, e daquela familiar, colabora na produção de uma determinada imagem da terra de partida dos imigrantes, de uma Itália imaginada que estará presente também na bagagem destes ítalo-brasileiros que decidem cruzar o atlântico e retornar à terra de seus avós, bisavós ou tataravós.

Em busca da terra de meu *trisavolo*: entre a memória e a experiência

Se, por um lado, como já indicado anteriormente, a experiência brasileira produziu imagens específicas sobre a terra dos antepassados dos descendentes de italianos que hoje se dirigem para a Itália, por outro, a chegada física na península produz o início de um processo de estranhamento e de busca de uma confirmação, que parece difícil de acontecer. Como citado anteriormente na imagem da Madeleine de Proust, mesmo que possa haver uma recuperação mnemônica do passado, através de fragmentos, como aquele que gera a memória involuntária relacionada ao doce, retornar ao lugar de proveniência dos ancestrais não coincide com um reviver das narrativas que foram produzidas no espaço da imigração. Como afirma Antonio Prete, em seu estudo sobre a nostalgia, o retorno físico não significa a recuperação de um tempo que passou e de uma experiência que ficou confinada em um determinado lugar do passado.³² Seja porque o espaço mudou seja porque a memória produziu representações reelaboradas no tempo, a distância temporal não pode ser atravessada da mesma maneira que o oceano e, voltar ao lugar da partida, não significa eliminar o tempo que passou, para quem partiu e para quem ficou.

Para percorrer este caminho de encontro com a terra dos antepassados, utilizar-se-á a experiência migratória de dois jovens descendentes de italianos provenientes da província de Trento, desde a construção de seus

32 Prete, 1996.

projetos de deslocamento até seus primeiros contatos com os lugares de onde partiram seus antepassados. Com o uso de entrevistas semiestruturadas, realizadas na cidade de Trento, buscou-se reelaborar a narrativa de vida e de imigração de jovens ítalo-brasileiros, residentes na cidade, em 2012.³³

Pode-se começar com uma breve apresentação dos dois jovens que irão conduzir este itinerário por uma Trento imaginada, indicando que, para a jovem, será utilizado o pseudônimo de Paola, enquanto que o rapaz será chamado de Mateus. Portanto, Paola é natural do estado do Paraná, embora tenha vivido em constantes trânsitos entre o lugar de nascimento e a terra de seu pai (descendente de trentinos), no estado de Santa Catarina. Mateus, diferentemente, nasceu no interior do estado do Espírito Santo, e já havia se deslocado por diversas cidades da região antes de decidir viajar para a Itália. Nos dois casos, a memória de um ancestral foi o elemento desencadeador da italianidade e propulsor do desejo de ir para a Itália, embora se possa perceber que, no caso de Paola, tal impulso foi mais forte e precoce.

A imigrante paranaense, desde pequena, teve seus retornos à sua Itália, que era a cidade de nascimento de seu pai, no estado de Santa Catarina, na qual a experiência dialetal, de gastronomia e musical era associada ao avô. Todos os anos, Paola visitava a família paterna e aquela agradável vivência da infância, com as narrativas familiares sobre o processo migratório e a vida na Itália, que eram contadas pelo seu avô, em uma passagem da tradição oral familiar, faziam-na cada vez mais se encantar com a terra de origem de sua família. Acabou apaixonada de tal forma que, quando tinha 15 anos, tomou a decisão de organizar sua vida para um dia ir morar na Itália e ir ao encontro deste lugar sonhado de sua infância catarinense. Nesse período, tomou conhecimento de um curso que estava sendo oferecido pelo governo italiano, para os descendentes de imigrantes deste país e, mesmo sem saber do que se tratava efetivamente, decidiu participar do processo de seleção:

Eu disse: «olha, não me interessa». Eu não sabia nem o que era, mas disse: «poxa, o governo da Itália está financiando pra descendentes de italianos no geral». Aí eu fui lá, tinha seleção, porque eram 20 vagas. Me esforcei, fui lá, consegui, passei em primeiro na seleção. Feliz da vida. Fiz essa experiência.³⁴

33 As entrevistas foram realizadas ao interno de um projeto de pesquisa financiado pelo «Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)», órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia do governo brasileiro, em colaboração com as colegas Maria Catarina Zanini (UFSC) e Gláucia de Oliveira Assis (UDESC). (Processo N. 406116/2012-1).

34 Entrevista a Paola, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

A impressão de Paola sobre o curso indica duas questões importantes: por um lado, é o primeiro passo para realização de um sonho, tendo contato com algo/alguém proveniente da terra de seus ancestrais, por outro, sua fala é muito rica, pois dá a conhecer duas categorias de italianos, uma era aquela da Itália:

Também foi forte, porque foi a primeira vez que eu tive contato com italianos da Itália. Alguns professores que foram lá, assim, dar duas, três aulas. Até de italiano mesmo, porque nós tivemos um pequeno curso de 60/70 horas de língua italiana. [...] aquilo ali selou mesmo a minha vontade.³⁵

Pode-se observar, neste fragmento, que o curso acabou sendo o detonador de sua vontade de partir para a Itália, identificando que efetivamente aquele era o lugar onde gostaria de viver. Como foi relatado acima, essa descoberta aconteceu quando do seu contato com «italianos da Itália» que, fazendo uma leitura a contrapelo, permite a percepção de que existem italianos que não são da Itália, ou seja, aqueles que vivem nas zonas de imigração, como Paola. Na verdade, naquele momento, ela —assim como uma grande parte dos descendentes de imigrantes italianos— assumia a parte «íalo» de sua identidade hifenizada, íalo-brasileira. Portanto, ir para a Itália adquiria efetivamente aquele sentido de volta para casa, aquela casa que recordava as histórias de infância escutadas quando das visitas ao avô paterno.

Dessa forma, depois de concluir os estudos universitários, esses também direcionados a sua preparação para a partida, e ter conhecido aquele que se tornou o seu marido, o qual foi informado, logo nos primeiros encontros, que ela iria para a Itália, chegou efetivamente na península no ano de 2010. O seu deslocamento foi garantido por uma bolsa fornecida pela província autônoma de Trento para os descendentes de trentinos em todo o mundo, que está vinculada à continuidade dos estudos na Universidade de Trento, centro no qual Paola estava cursando uma segunda graduação, quando da entrevista.

Diferentemente, Mateus tem uma experiência muito diversa, com relação à sua decisão de emigrar para a Itália, a sua motivação não nasce de uma questão afetiva, mas se transforma a partir da decisão de reconhecer sua cidadania italiana. O rapaz capixaba —antes de buscar o reconhecimento de sua cidadania, tendo que reconstruir a sua genealogia italiana— nunca

35 *Idem.*

tinha se preocupado ou demonstrado interesse pela sua trentinidade. Essa percepção de um determinado pertencimento, que é consequência da busca da cidadania, da recuperação da história familiar, acaba funcionando como força motriz da sua experiência migratória pessoal.

De acordo com as informações que forneceu, mesmo vivendo em uma região de imigração italiana, as histórias narradas por seu avô, que evocavam a zona de partida de seus antepassados, constituíam-se as únicas referências com a cultura peninsular. Tanto uma ideia de pertencimento quanto um desejo de conhecer a terra do antepassado, aquela da proveniência familiar, não foram produzidas na sua experiência em um espaço de imigração italiana no Brasil. Na verdade, ele não via com bons olhos um projeto migratório, pois o entendia como um ato de negação da pátria: sentindo-se brasileiro, este tipo de decisão não estava de acordo com o seu pensamento:

bem, de princípio, eu não era, eu não era eh... favorável a ideia de emigrar, eu sempre mesmo quando vendo na televisão e coisa e tal de pessoas que emigravam, pra outro país, eu meio que comigo, dentro de mim, eu disse «isso é uma loucura, tipo, nunca, não vai ser uma coisa que eu vou fazer», acho que não há necessidade, eh... de princípio sempre fui um pouco contra.³⁶

Foi durante o encaminhamento da documentação junto ao consulado, para o reconhecimento da cidadania italiana, que a visão de Mateus, com relação à sua partida para a Itália, viveu um processo de transformação. De alguma maneira, o contexto de legalização da dupla cidadania produziu uma revisão interior com relação à sua auto-identificação. Conforme seu relato, os procedimentos que envolveram a recuperação da documentação, com a necessária reconstrução da história de sua família, a lembrança afetiva dos relatos do seu avô, fizeram com que ele percebesse que não provinha apenas de um território (um espaço geográfico), mas de uma realidade histórica impregnada de sensibilidades que atravessaram a memória familiar:

depois que eu soube do fato da possibilidade da cidadania italiana, que representava uma facilidade nesse sentido, e também depois, e tendo, tendo corrido atrás mesmo da, da enfim da documentação pra adquiri-la, foi onde eu tive o contato com... alias foi, é onde que você descobre de fato se reconstrói ah, essa, essa origem familiar e tal, então aonde você vai, consegue individuar que não só o país é a Itália, como, como é ah... como é contado essa, toda essa retórica contada pelos avós, pelo pelo *nonno*, eh... então eu pude reconstruir, eh... identificar que a família de fato vinha da província de Trento, que era enfim essa cidade, o lugarzinho de onde vieram e tudo, e... claro

36 Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

tendo tomado conhecimento disso, eh... eu pensei então uma vez em vir, em tentar, pra justamente pra conhecer, porque cria-se então em torno a isso, não, não somente aquilo que... que o *nonno* conta «ah, porque a Itália, e tal», então fica assim, sempre aquela coisa muito mítica.³⁷

Mesmo com uma descoberta do pertencimento étnico que ocorre em momentos diferentes do processo migratório, ambos os ítalo-trentinos viveram um momento de construção imagética da Itália antes da partida e um sentimento de identificação com o lugar de proveniência de seus antepassados. No caso de Paola, observa-se uma marca mais forte, vinculada a aspectos linguísticos, como a fala dialetal, mas também Mateus identifica a cidade originária da família como um espaço mítico. É digno de nota que o imigrante capixaba acaba indo morar exatamente na cidade de onde seus ancestrais tinham partido e também faz amizade com «parentes», ou seja, uma família que lá vivia e que tinham o mesmo sobrenome seu. E, embora com um desenrolar complexo da relação, com uma crise final causada por uma situação de exploração nas relações de trabalho, será esta família que o ajudará na sua primeira experiência de trabalho na Itália.

Para Paola, ir para a Itália significava mergulhar no passado familiar, aquele narrado nos encontros na casa de seu avô: «Poxa, se eu fosse pra Itália seria uma forma de eu conhecer esse passado, de que tanto se falava na minha família».³⁸ Dessa maneira, como o nostálgico, que busca no retorno a casa, o reencontro com a *douce France cher pays de mon enfance*, a estudante paranaense pensava que encontraria —na Trento de hoje— o quadro pintado nas narrativas de sua infância, achava que de fato o passado poderia estar ali esperando por ela.

Nesse sentido, o seu trânsito por Trento é uma constante busca deste passado mnemônico, a procura pelos lugares onde seu tataravô teria caminhado, as sensações que teria vivido, uma tentativa constante de transformar as narrativas em uma concretude visória:

porque todo mundo diz «as montanhas aqui oprimem, te deixam depressiva», bom, pra mim teve um efeito completamente diferente, eu olho as montanhas e digo «poxa meu tataravô viu isso», ele acordava e via isso, porque ele nasceu aqui pertinho, em Mattarello, né, então, você, poxa será que ele passou por essa igreja, poxa, vou ver essa igreja é de antes ou depois, e quando é que foi construída e tal, pra mim tá sendo ainda muita descoberta.³⁹

37 *Idem.*

38 Entrevista a Paola, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

39 *Idem.*

A moça ítalo-trentina não é como as pessoas em geral que olham as montanhas e se sentem deprimidas, sufocadas, porque se sente em casa em Trento, ela é parte daquela paisagem porque compartilhou durante toda a vida aquelas sensações. Através da experiência mnemônica e da marca de seu tataravô, viver em Trento não significa estar no estrangeiro, mas estar em casa. Aliás, a imigração representava a realização de uma sensação de pertencimento que marcou toda a sua vivência familiar: «Bom, eu tenho uma relação com Trento forte, eu diria, porque tendo a descendência e essa coisa da italianidade viva dentro da minha família, Trento era um destino natural quase para mim».⁴⁰

Em um modo menos estruturado, também a leitura de Mateus sobre a terra dos ancestrais é marcada pela afetividade e pela memória das vivências da infância, também com um avô, que funcionava como uma conexão entre passado e presente, recriando a ideia de uma viagem no tempo. Neste caso específico, o rapaz capixaba recorda de uma oração do «Pai Nosso» que, rezada em latim, parecia ser em italiano, criando uma sacralização do vivido, o que retira da sua condição de normalidade e indica uma excepcionalidade, permanecendo na recordação:

quando eu era criança meu avô rezava esse Pai Nosso em latim, que nós pensávamos fosse italiano, e que não era de fato, vim saber disso depois, [...] então criava assim um pouco aquela mística, entorno a esse velho que fazia esse Pai Nosso em latim e tal, então aquilo pra gente era essa Itália, ou então até o fato mesmo de *Terra Nostra*⁴¹ contribui muito assim.⁴²

Dessa última fala de Mateus, pode-se retomar a questão da imagem produzida —ainda no Brasil— da Itália, aquela que se busca confirmar no processo migratório, porque, como ele afirma «aquilo pra gente era essa Itália». Como para Paola, as narrativas familiares ocupavam o lugar da Itália e não se tornavam somente relatos sobre um passado distante ou situações estranhas, acabavam constituindo parte da sua vida, eram a sua Itália. Portanto, essas histórias criavam uma sensação de continuidade temporal e de partilha de um passado que deixava de ser a experiência individual do imigrante para ser aquela coletiva da inteira família.

O rapaz, ao final da sua fala, ainda faz alusão a uma novela brasileira *Terra Nostra*, que foi transmitida por uma das principais redes de televisão

40 *Idem.*

41 Sobre *Terra Nostra*, remete-se à próxima página deste mesmo artigo.

42 Entrevista a Mateus, Trento, 16 de junho de 2012.

do país, em horário nobre, entre setembro de 1999 e junho de 2000, narrando a história de amor de Matteo e Giuliana, imigrantes italianos chegados ao Brasil, no período da grande imigração. A história apresentava diversos momentos da imigração, como a viagem no navio, a chegada na hospedaria dos imigrantes em São Paulo, o trabalho nas fazendas de café, a busca de adquirir a pequena propriedade, enfim, o sonho migratório e as construções mnemônicas da imigração tornam-se visíveis nas imagens da novela. Também aqui as memórias construídas ao longo do século XX sobre a imigração tomam corpo nas imagens televisivas e atuam em uma maneira ainda mais forte na elaboração de vínculos individuais-coletivos com uma terra originária dos ítalo-descendentes.

Os ítalo-brasileiros, em suas perspectivas de retorno, partem do Brasil, procurando, com maior ou menor força, aquela imagem compartilhada de uma terra mítica, construída na urdidura da memória, no entanto, acabam encontrando outra realidade, distante daquela imaginada. Mais uma vez, a narrativa de Paola é emblemática, com relação à vivência dos descendentes de italianos em sua busca das origens, na Itália, pois representa esta entrada em um entre-lugar identitário, que é caracterizado por elementos de brasilidade, de italianidade, mas —acima de tudo— de ítalo-brasilidades. Nas suas andanças em busca de seu tataravô, a entrevistada se dá conta que o mundo que ela buscava não se encontra ali. Na verdade, aquele Trentino imaginado, conservado nas memórias de infância da entrevistada, é uma representação das zonas de imigração italiana do sul do Brasil. Pensando encontrar os homens e as mulheres de sua infância, talvez seus tataravós paternos, com amigos e parentes, acabou encontrando os «italianos da Itália»:

Eu também era muito ingênua na época, pensando assim que eu ia encontrar pessoas aqui com toda a humildade camponesa que a gente via dos descendentes no Brasil. De você ver o agricultor, que tem a casinha lá, que tá com o fogão a lenha, que é receptivo, que, ao mesmo tempo é tão humildade, que te diz, olha eu plantei toda essa uva aqui, mas eu não sei nada de agricultura.⁴³

Mateus, Paola, e grande parte dos ítalo-brasileiros encontram do outro lado o mar-oceano outro país, uma terra que não é a confirmação de suas expectativas, mas também não se configura na negação de suas imagens; como Paola afirma em sua entrevista, a Itália encontrada é um lugar onde se é imigrante, mas —ao mesmo tempo— pode-se ter a sensação de estar em

43 Entrevista a Paola, Trento, 22 de fevereiro de 2012.

casa. A situação «entre» que se apresenta é uma das peculiaridades deste tipo de imigração de descendentes, crescidos com um vínculo mnemônico com a terra dos antepassados, no contexto das zonas de imigração italiana formadas a partir das pequenas propriedades rurais, como no sul do Brasil ou no estado do Espírito Santo. Os mesmos componentes mnemônicos que estão na base da construção das identidades étnicas —da italianidade— que criam a imagem de um retorno enquanto continuidade do transcurso de uma memória familiar, são aqueles que contribuem ao estranhamento quando do contato com este objeto da recordação que é a terra de origem, indicando uma não coincidência entre aquilo que se imaginava e aquilo que se vê.

Enfim, pode-se dizer que a revisitação mnemônica do processo migratório, que marcou a trajetória das comunidades ítalo-brasileiras dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, foi fundamental na construção de um imaginário étnico nessas zonas de imigração. Ao longo do século XX, as ideias-imagens elaboradas no contexto das comemorações dos cinquenta anos da imigração italiana no Brasil foram sendo cristalizadas e transformadas em símbolos de italianidade e significantes de um pertencimento étnico-cultural. Embora se deparando com uma realidade hifenizada, os descendentes associam à Itália as suas vivências nas comunidades de imigração e levam consigo estas imagens quando atravessam o oceano em direção a península. Quando em território italiano, descobrem-se, por um lado, brasileiros, mesmo nos casos em que a fala dialetal era parte da experiência familiar, por outro, que o retorno àquela terra decantada não significa apenas um movimento no espaço, porque as referências dos antepassados ficaram presas em outro lugar temporal. Na verdade, mesmo tomando o lugar daquilo que é retratado, a representação sinaliza uma ausência, pois o objeto que busca substituir já não existe mais, e ela acaba iluminando esta evidência.

Recibido el 16 de octubre de 2018
Aceptado el 11 de diciembre de 2018

Referências Bibliográficas

- Beneduzi, Luís Fernando, *Os fios da Nostalgia: perdas e ruínas na construção de um Vêneto imaginário*, Porto Alegre, UFRGS, 2011a.
- Beneduzi, Luís Fernando, «Uma aliança pela pátria: relação entre política expansionista fascista e italianidade na comunidade italiana do Rio Grande do Sul», *Dimensões – Revista de História da UFES*, 26, Vitória, 2011b, 89-112.

- Beneduzi, Luís Fernando, «Fra risanamento religioso e rafforzamento della razza: il processo di costruzione della memoria dell'immigrazione italiana nel sud del Brasile negli anni 1920», *Zibaldone. Estudios italianos*, 3, 1, Valencia, 2015, 122-136.
- Buccelli, Vittorio, *Un viaggio a Rio Grande del Sud*, Milão, L. F. Pallestrini, 1906.
- Catroga, Fernando, «Memória e História», em Pesavento, Sandra J. (org.), *Fronteiras do milênio*, Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001, 43-70.
- Centenário da Imigração Italiana: 1875-1975. Rio Grande Do Sul, Brasil / Centenario della Immigrazione Italiana*, Porto Alegre, Editora Edel, 1975.
- Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud*. Vol. I. *La cooperazione degli Italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud*, Porto Alegre, Barcellos, Bertaso e Cia / Livraria do Globo, 1925.
- Halbwachs, Maurice, *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*, Paris, Édition Albin Michel, 1994.
- Koselleck, Reinhart, *Futuro pasado. Para una semántica de los tiempos históricos*, Barcelona, Paidós, 1993.
- Leed, Eric J., *La mente del viaggiatore. Dall'Odissea al turismo globale*, Bolonha, Il Mulino, 1992.
- Levi, Primo, *I racconti*, Torino, Einaudi, 1996.
- Prete, Antonio, *Nostalgia. Storia di un sentimento*, Milano, Raffaello Cortina, 1996.
- Proust, Marcel, *Em busca do tempo perdido*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2002.
- Poutignat, Philippe e Streiff-Fenart, Jocelyne, *Teorias de Etnicidade. Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras*, de Fredrik Barth, São Paulo, UNESP, 1998.
- Sayad, Abdelmalek, «O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante», *Travessia*, 13, n. esp., São Paulo, 2000, 1-34.
- Sayad, Abdelmalek, *La doppia assenza. Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato*, Milano, Raffaello Cortina Editore, 2002.
- Trento, Angelo, «Dovunque è un italiano, là è il tricolore. La penetrazione del fascismo tra gli immigrati in Brasile», em Scarzanella, E. (ed.), *Fascisti in Sud America*, Firenze, Le lettere, 2005, 3-54.